

ASCURRA DE ONTEM E DE HOJE

Enéas ATHANÁZIO

Quem percorre o sempre verde Vale do Itajaí e passa pela tranqüila cidadezinha de Ascurra está longe de imaginar quão rica e interessante é a história dessa pequena comunidade que cresce à beira do mais catarinense dos nossos rios.

Fundada por um alemão, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, seus primeiros povoadores foram tirolezes e italianos católicos e seu nome lembra a localidade paraguaia onde as forças brasileiras, na Guerra do Paraguai, destroçaram as tropas que restavam a Solano Lopez, em 1869. Essa escolha foi uma homenagem de Blumenau, então diretor da Colônia e à qual Ascurra pertencia, aos soldados brasileiros para marcar sua vitória decisiva.

O início dessa colonização de italianos, dirigidos por um alemão e sob um nome paraguaio partiu de autêntico "conto de vigário". As dificuldades econômicas enfrentadas pela Itália, o desemprego nas cidades e a miséria nos campos levavam a fome a rondar as famílias que só pensavam numa solução - emigrar. Contando com tais aliados, os aliciadores de Joaquim Caetano Pinto Júnior, que havia contratado com o Governo Imperial brasileiro a imigração de colonos, por volta de 1874, encontraram condições favoráveis. Começou, então, uma propaganda intensa e mentirosa, mostrando um panorama falso da Colônia e na qual foram usados desde boletins com noticiário exagerado até montagens fotográficas que estampavam algo bem próximo do próprio Paraíso. Além disso, coroando o "conto", sacerdotes católicos "passaram a visitar os agricultores e diziam maravilhas do Novo Mundo." Diante disso, forçados pela necessidade e iludidos pelas promessas, os colonos embarcaram em direção à nova morada, com os corações cheios de esperança e boa-fé. Depois da viagem longa e penosa, desconfortável e perigosa, chegavam ao destino, cuja realidade era chocante. Ao contrário dos benefícios prometidos, só encontravam a natureza bruta e misteriosa, a floresta a ser desbravada, repleta de animais selvagens e de índios cujos ataques os mantinham em permanente sobressalto.

Não podendo voltar, decididos apesar de tudo a vencer na terra inóspita, tratam de se organizar para garantia da sobrevivência. Erguem choupanas, iniciam lavouras de subsistência e, nos momentos de folga, se entregam a uma obra comum: a construção da primeira igreja onde externar sua profunda religiosidade. Ao lado dela vão se esboçando as primeiras manifestações sociais.

Correm os tempos, surgem lideranças, as famílias se entrecruzam pelos casamentos e novos colonos vão chegando. Vencendo toda a sorte de dificuldades, Ascurra chega aos dias de hoje, município dotado de serviços públicos e melhoramentos urbanos, com seus filhos prestando serviços nas mais diversas atividades, na terra natal como em outras tantas cidades.

Todo esse passado de lutas, porém, era desconhecido até bem pouco tempo. Como disse Oswaldo Rodrigues Cabral, o que se sabia a respeito das origens e da vida dessa comunidade “mal daria para compor duas linhas. “Foi necessário que um filho da terra, o Prof. José E. Finardi, se lançasse ao estudo e elaborasse a monografia *Colonização Italiana de Ascurra - 1876/1976* (Edição da Fundação “Casa Dr. Blumenau”) para que as experiências daquela gente sofrida chegassem ao domínio público. Essa obra rica de informações e documentos revela uma pesquisa intensa e criteriosa, resgatando inclusive boa parte da memória destruída pelo incêndio que atingiu o Arquivo Histórico de Blumenau. Graças ao autor e seu exaustivo trabalho, Ascurra recuperou sua história e, ao mesmo tempo, se enriqueceu a do próprio Estado Catarinense. Foi desse livro que extraímos, em largas pinceladas, os fatos aqui narrados.

No alentado ensaio *A Obra de Dom Bosco em Santa Catarina*, onde analisa a atuação salesiana em prol dos imigrantes, o pesquisador Riolando Azzi faz inúmeras citações do livro de Finardi, transcrevendo muitos de seus trechos, invocados sempre para sustentar suas conclusões, num reconhecimento da seriedade e correção da obra do historiador catarinense.

Dentre as inúmeras personalidades que surgem nessa obra, dentre pioneiros, líderes, professores, autoridades, industriais, políticos ou comerciantes, algumas despertam especial curiosidade.

Chama a atenção do leitor a figura quase lendária (e meio bárbara) de Martinho Marcelino de Jesus, o “Martinho Bugreiro”, o mais célebre extermiador de bugres que nossa história registra e cujo nome deveria causar calafrios. Ele aparece posando para uma foto de 1903, ao lado do seu lugar-tenente Belarmino Luciano e mais treze companheiros na implacável caçada aos silvícolas, espécie de “esquadrão da morte” de an-

tanho. Exibem com orgulho os macabros troféus de arcos e flechas, cada um deles representando um índio eliminado da face da terra. Mas justiça se faça: só apelaram os colonos aos “bugreiros” depois de sucessivos e infrutíferos apelos à presidência da Província para que constituisse uma companhia de “batedores de mato”, cuja função era apenas afugentar os gentios e mantê-los à distância. A administração pública, como se vê, era lerda desde aqueles dias. Sobre o célebre bugreiro escrevi longo ensaio, procurando rastrear sua vida e examinar sua personalidade, e que foi publicado na revista “Blumenau em Cadernos” (Tomo XXV, 1984, págs. 263 a 272), sendo inclusive tirada uma separata.

Padre José Maria Jacobs, o primeiro vigário da paróquia de Blumenau, fixou-se na história de Ascurra como amigo e orientador do povo. Escolhido a dedo pelas autoridades religiosas, coube-lhe a tarefa difícil de neutralizar o “quisto religioso” que as doutrinas luteranas poderiam formar na Colônia, afastando-se da religião oficial, a católica. “De gênio severo, caráter altivo, excessivamente áspero no falar, intolerante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem quer que fosse, senão à vontade de Deus” - escreve Finardi. Esse temperamento provocou diversos incidentes com o Dr. Blumenau e em três ocasiões foi submetido a processo criminal. Numa delas acabou por ser condenado e o episódio de sua prisão quase provocou uma revolta em Ascurra, com os colonos se armando e se organizando para defendê-lo. Os lances do episódio são narrados de maneira saborosa pelo cronista, ainda que rigorosamente fiéis à verdade histórica.

Merece ainda um destaque o Dr. Giovanni Rossi. Agrônomo, sociólogo e jornalista, depois do insucesso de sua “sociedade nova”, comunista ou anarquista (esses conceitos parece que andavam meio embrulhados na época), em Palmeira, no Paraná, transferiu-se para Santa Catarina e foi contratado pelo Estado para dirigir a Estação Agronômica de Rio dos Cedros. Dali, apesar do temor que suas idéias despertavam na população e que as determinações dos religiosos só faziam crescer, prestou imensos serviços à agricultura, numa “atuação que atingiu as raias da devoção.” Apesar de suas posições antagônicas em face do direito de propriedade e da religião, Rossi e os padres se entendiam.

O Prof. Alvir Riesemberg, saudoso ensafista paranaense, resumiu com precisão o experimento de Rossi no Paraná. Vale a pena transcrever aqui essa curiosidade, complementando este comentário. Ei-la:

“Para completar o registro das fundações coloniais do Vale do Iguauçu, deve ser lembrada a Colônia Cecília, núcleo comunista italiano fundado pelo Dr. Giovanni Rossi, em 1889, sobre trezentos hectares de terra,

nas proximidades da Palmeira. A sua duração foi efêmera, pois dissolveu-se em 1893, sendo a sua população absorvida pelas tropas revolucionárias que então varreram o Paraná. Mais do que um empreendimento colonial, a Colônia Cecília representou uma experiência social tentada à luz das idéias filosóficas que dominavam o pensamento humano no Século XIX.

Ermelino de Leão assim se referiu àquela fundação: “Núcleo de comunistas italianos fundado pelo Conde de Rossi. Praticava o comunismo, adotava o amor livre. Reuniu um grupo de ilustrados anarquistas. A colônia teve o nome de Cecília devido a um romance do Conde de Rossi com esse título em propaganda das idéias anarquistas e comunistas. O Conde desejou dar corpo ao seu sonho nesse infeliz ensaio sociológico. Visitamos esse núcleo em companhia do devotado republicano Manoel Correia de Freitas. Compartilhamos da alimentação comum, conversamos longamente com o Conde e com vários colonos que dispunham de instrução sólida.

“A colônia tinha acolhido em seu seio um conhecido gatuno, esperando os idealistas convertê-lo à vista do desprendimento que todos mantinham em relação aos interesses pecuniários privados. A caixa da colônia era colocada sobre uma porta e dela se utilizavam os colonos para compra dos utensílios e gêneros necessários. Um belo dia o gatuno que parecia regenerado bateu as asas levando os fundos da comunhão.

“O sistema do amor livre produziu uma crise: faltavam mulheres. Para preencher essa lacuna foi mister contratar uma hetaira, que pensavam converteriam aos seus ideais. Por sua vez essa mulher os abandona. A comuna decretou então a maioria de uma menina filha de um dos colonos comunistas para praticar o amor livre. O instinto paternal superou o sonho anarquista e o colono com a família deixou o núcleo para preservar a filha do regime que com tanto ardor defendia. Com a revolução federalista a colônia dissolveu-se, incorporando-se os anarquistas às tropas revolucionárias. A Colônia Cecília ocupava uma área de trezentos hectares cultivados em comum. Era um núcleo de italianos inteligentes e idealistas; o Conde Rossi era insinuante e bom propagandista” (*A Instalação Humana no Vale do Iguaçu*, Edição do Autor, Curitiba, 1973, págs. 109/111).

A experiência encontrou eco na literatura, inspirando uma célebre crônica de François Coppée e uma novela do escritor paulista Affonso Schmidt, uma monografia, tese de mestrado, de Beatriz Pellizzetti, filha de Ermembergo Pellizzetti, que foi auxiliar de Rossi, por mais de oito anos, e um ensaio do historiador paranaense Newton Stadler de Souza. Renata Pallottini teatralizou o tema e a Rede Bandeirantes de Televisão o adaptou para uma mini-série televisiva.